



A I Semana Agroecológica da UNESP – Rio Claro: educar para além da técnica

Larissa Henrique Nunes¹ e Bruno Oliveira Garcia².

¹Graduanda em Engenharia Ambiental na UNESP Rio Claro e Técnica em Meio Ambiente pelo Centro Paula Souza, São Paulo. E-mail: hnlarissa@gmail.com; ²Graduando em Engenharia Ambiental na UNESP Rio Claro. E-mail: bruno.2oliveiras@hotmail.com.

Resumo: O Gira-Sol é um grupo de extensão universitária que conta com alunos de diversos cursos das áreas de biociências e geociências. Em dez anos de grupo a busca por construir um entendimento do que é a Agroecologia foi constante. Nesse período se moldaram princípios como horizontalidade, autogestão e partilha de saberes. A ideia da Semana Agroecológica surgiu da necessidade de ultrapassar os muros da universidade e fortalecer articulações, dando também embasamento teórico para compreender a Agroecologia. A experiência proporcionou ao Gira-Sol um acúmulo político e organizacional, assim como aproximou o público das esferas científicas, técnicas e, sobretudo, políticas da agroecologia. A estrutura do evento buscou manter a heterogeneidade das atividades e dos temas, gerando um ambiente educacional diversificado. Espera-se que o evento se repita anualmente e fortaleça a agroecologia no campus da UNESP Rio Claro e propicie avanços na formação de agentes agroecológicos.

Palavras-chave: extensão universitária; politização; construção do conhecimento.

1. Introdução

O Grupo de Extensão em Agroecologia Gira-Sol é um projeto vinculado ao Departamento de Ecologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) de Rio Claro. Criado em 2006, visa utilizar técnicas agroecológicas, como Sistema Agroflorestal (SAF), para a recuperação de uma área degradada de várzea dentro do campus. A composição do grupo é rotativa, tendo sido



frequentado por alunos de diversos cursos, funcionários, professores e membros da comunidade de Rio Claro e imediações.

Ao longo de seus dez anos de existência as linhas de ação do grupo se diversificaram. A agrofloresta, além de recuperação de uma área degradada, passou a ser ambiente para educação ambiental, bem como local de vivências agroecológicas e culturais. O trabalho de educação ambiental se estendeu para fora da universidade através de feiras de trocas de sementes, mudas e saberes. Uma parceria firmada com a Casa da Agricultura de Rio Claro permitiu a utilização de uma estufa municipal para o cultivo de mudas. Por fim, o Gira-Sol passou a se articular com outros grupos da região (em uma rede denominada Micorrizadas) e redes nacionais, como a Rede Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA).

Ao surgirem novas formas de atuação, velhas demandas vieram à tona. Para ter voz em uma rede nacional, como a REGA, são necessárias formação política e uma compreensão holística dos debates em voga. A formação local dos membros do Gira-Sol por vezes se restringia a técnicas agroecológicas de manejo e não satisfazia a formação de base para um grupo que se diz agroecológico.

A Agroecologia é uma alternativa à agricultura “convencional” imposta pela Revolução Verde e, apesar de não haver definição exata, ela se diferencia em relação à outras correntes ecológicas por se afirmar também como um novo paradigma social. Fluindo entre os aspectos técnicos, científicos e políticos, muitos autores a entendem como a aplicação da ecologia à agricultura e a formulação de agroecossistemas sustentáveis (GLIESSMANN, (1998); ALTIERI, (2006)). Outros enxergam a agroecologia como uma corrente em que a contestação das estruturas sociais também é essencial, sendo uma alternativa ao sistema vigente. Segundo Ivani Guterres (2006, p. 93), “as variáveis sociais ocupam um papel muito relevante, dado que as relações estabelecidas entre os seres humanos e as instituições que as regulam constituem a peça-chave dos sistemas agrários, que dependem do homem para sua manutenção”.

O Gira-Sol nos últimos anos intenta aplicar a definição mais engajada politicamente e, para tal, são necessárias novas metodologias de formação pessoal para que nossos participantes se nivelassem aos debates empreendidos em outros grupos. A dificuldade em ampliar o domínio do grupo sobre esses



novos aspectos era recorrente, mas as iniciativas tomavam formas pontuais e continuavam em segundo plano. Para, além disso, mapeou-se a necessidade de contribuir para o avanço da pesquisa, do ensino e da extensão em agroecologia. É nesse contexto que foi pensada a I Semana Agroecológica da UNESP Campus de Rio Claro, com a temática “Para Além da Técnica”.

O evento ocorreu entre os dias 31 de maio a 03 junho de 2016 e contou com a participação de convidados que vivenciam a prática agroecológica entre os quais acadêmicos, agricultores, comunidade local, grupos parceiros e alunos da universidade. A Semana Agroecológica buscou utilizar a agroecologia para a consolidação do pensamento crítico em todos os envolvidos: membros do Gira-Sol, facilitadores (as) e participantes, além de fortalecer a articulação regional e possibilitar o acúmulo de experiência na organização de eventos acadêmicos.

2. Histórico e objetivos da experiência

A Semana Agroecológica surgiu com o anseio de politizar a agroecologia dentro do Campus da UNESP de Rio Claro. Considerado um campus com forte vocação para as Ciências Ambientais, possui cursos como Geologia, Ecologia, Geografia, Engenharia Ambiental e Ciências Biológicas. O Gira-Sol, apesar de atrelado ao Departamento de Ecologia, atrai estudantes de diversos cursos gerando uma rica convergência de informações técnicas relativas à conservação, restauração de áreas degradadas e aspectos físicos/ecológicos. Se a oferta de informações técnicas é abundante, o mesmo não se aplica às oportunidades de se debater politicamente as questões ambientais.

Deve-se salientar que existem diversos grupos dentro do campus que trabalham com temáticas que, de alguma forma, tem correlação com Agroecologia. Já houve momentos de parcerias em projetos e intervenções, mas não há um diálogo constante entre esses atores. Muitos desses grupos, apesar de carregarem no nome o termo “extensão” tem pouca ou nenhuma atuação fora das grades universitárias, restringindo o acesso ao saber entre os poucos privilegiados que acessam a academia.

A ideia da Semana nasce então destas demandas locais: politizar o debate ambiental presente no campus, utilizando a Agroecologia como meio de junção de domínios; articular os grupos que



potencialmente trabalham sobre a temática e; abrir o campus ao público não-universitário, possibilitando trocas de saberes.

2.1. Objetivos do texto

Apesar de inserido no ambiente universitário, o Gira-Sol não é um grupo com vocação acadêmica. Pouco escreve ou relata sobre suas experiências. Com isso, o processo pós-Semana Agroecológica criou um novo desafio: o de sistematização, relatoria e conservação da memória. O evento não foi pontual, pois foi sonhado como um processo contínuo de formação. Novas edições virão, novas maneiras de organização devem ser debatidas e a articulação com outras experiências deve ser feita para possibilitar o amadurecimento do projeto. Relatar o que foi feito é essencial, assim como inserir a experiência em um contexto maior e trocar os acúmulos com outros atores. Este texto torna-se assim um meio de dar continuidade e também renovar o projeto da Semana Agroecológica.

3. Descrição e reflexões sobre a experiência

A idealização da Semana Agroecológica se deu cerca de seis meses antes do evento, quando de retorno do Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia / Congresso Brasileiro de Agroecologia (ENGA/CBA) de Belém/PA alguns membros do Gira-Sol se viram motivados a trazer novos debates ao grupo. O mês de maio foi indicado como data provável, para dar visibilidade ao evento como parte do Maio Agroecológico¹, disseminado por diversas organizações, entre elas a REGA. A organização de um evento que visibilizasse a luta agroecológica se mostrou uma epifania coletiva, pois houve sintonia com diversas demandas já existentes, como a articulação local, a construção de debates críticos e o fortalecimento do grupo. Iniciou-se assim a construção da I Semana Agroecológica, com o tema “Para além da Técnica”.

¹ O Maio Agroecológico surgiu com a ideia de potencializar e se solidarizar junto as jornadas do Abril vermelho e a luta pela terra. Propondo que aconteçam atividades simultâneas envolvendo a agroecologia (Fonte: REGA).



A organização do evento se deu como uma extensão do grupo, que funciona de forma horizontal, autogestionada e sem influência da orientadora. Não foi adotado um método organizativo específico. Em um primeiro momento utilizou-se o círculo de sonhos, onde elencamos os desejos de todos os participantes. Após sonhar temáticas, convidados e temas, foi definido que a estrutura da Semana Agroecológica abarcaria momentos de escuta, reflexão, discussão e prática. Compor um evento com todas essas etapas foi um desafio, não apenas por requerer atividades criativas, mas também pela ausência de espaços físicos propícios dentro da universidade.

Outro grande desafio foi nivelar os organizadores, pois diversas gerações de jovens convivem no grupo, como estudantes universitários e de ensino médio. Um encontro semanal foi fixado, onde se debatia não apenas a organização, mas as responsabilidades, como equalizar a divisão de tarefas e como não sobrecarregar as pessoas. A autonomia em organizar um evento acadêmico tem seus custos, sobretudo quando deve-se conciliar com as atividades normais do semestre letivo e as da extensão. A paciência, a escuta, a responsabilidade, o corrigir sem machucar e o pedir sem tom de obrigatoriedade são dons que foram trabalhados, algumas vezes sem êxito. As relações pessoais dos membros oscilaram entre a necessidade de colaboração, a empatia e o distanciamento, mas o balanço geral foi de amadurecimento nas relações interpessoais.

Entre os sonhos e as discussões, o evento foi encaminhado com o formato de uma semana de atividades, com debate de filmes, mesas redondas, oficinas, exposição de trabalhos científicos e feiras de trocas. A visibilidade de evento acadêmico é considerável, assim, a Semana pode ser considerada uma oportunidade de fortalecer parcerias existentes e criar novas. A facilitação dos espaços foi voluntária, sendo convidados antigos participantes do Gira-Sol, membros de outros grupos da REGA, professores de outras instituições, agricultores e militantes de diversas cidades.

A divulgação da semana ocorreu cerca de um mês antes do evento, em meio as dificuldades de criar um logo, digitalizar, colorir e gerar uma identidade visual. Nenhum organizador possuía noções dessas etapas, e apenas por persistência de uma das membras pode-se desfrutar de um logo marcante (anexo) que chamou a atenção do público em cartazes distribuídos pela cidade. Um site na plataforma



WIX² (semanagroecologica.wixsite.com/2016) deu grande visibilidade as atividades, pois com ele pode-se apresentar detalhadamente os facilitadores, as atividades e disponibilizar material de base. Outra forma de divulgação foi o jornal e a radio locais de Rio Claro, que anunciam gratuitamente eventos sem fins lucrativos. A divulgação foi um grande trunfo, pois apesar da inexperiência em organizar grandes eventos, o público superou as expectativas.

Na escolha do formato, facilitadores e meios de divulgação esperava-se alcançar a máxima heterogeneidade. A diferença traz a abundância e um dos papéis da extensão universitária é diversificar quem tem acesso ao conhecimento construído na universidade, assim como permitir aos universitários vivências e contato com o mundo não acadêmico. Desde o princípio levar a Semana para fora da UNESP foi um objetivo, mas a busca de espaços viáveis para as atividades teve poucos frutos. Apesar disso, uma das feiras de trocas ocorreu na feira de agricultura familiar de Rio Claro. Foi um momento de aproximação com os agricultores, doação e troca de sementes, distribuição de cartilhas e partilha de alimentos.

O público diretamente atingido foi de cento e setenta pessoas (inscrições), das quais cerca de 80% moram em Rio Claro. Também houveram participantes de Campinas, Itapira, Leme, Piracicaba, Ribeirão Preto, São Carlos, São José dos Campos, São Paulo e Sorocaba. Analisando os atingidos que participaram em pelo menos 60% das atividades, observa-se que a maioria era estudante da UNESP de Rio Claro, de variados cursos como Ecologia, Engenharia Ambiental, Biologia, Geografia, Educação Física, Pedagogia e Ciências da Computação. Além dos alunos de Rio Claro, compareceram estudantes de outras universidades (USP - São Paulo, ESALQ - Piracicaba, UFSCar - Araras), agricultores, advogados, entre outros.

Buscou-se abordar as lutas sociais correlacionadas à Agroecologia e, ao mesmo tempo, trazer ao público que nunca teve contato com a temática, o máximo de informações básicas. Os espaços das mesas redondas, por exemplo, formaram um eixo onde em um primeiro momento discutimos “O que é Agroecologia?” e no dia seguinte “Movimentações Agroecológicas”. Compostas por professores

² Plataforma que visa facilitar o processo de criação de sites, surgiu em 2006 a partir da frustração de um grupo de amigos ao se depararem com as dificuldades de criar um site (FONTE: Site Wix, 2016).



universitários (Fernando Silveira Franco e Irene Cardoso), agricultores (Jatobá Orgânicos), movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e universitários de grupos de agroecologia, as mesas conseguiram aproximar, nivelar e aprofundar o conhecimento do público na temática.

Houve momentos particulares às questões sociais como o debate “Permacultura Ecosocialista” (Djalma Nery), onde a permacultura foi delimitada, criticada, desmitificada e ressignificada com base nos preceitos ecosocialistas, no materialismo histórico e na luta de classes. O cine-debate “As Sementes”, que contou com Irene Cardoso e a *griot* rio clarense Diva Ebomy, foi outra aula. A vida de Diva, militante do movimento negro e referência na contação de histórias rendeu uma rica discussão sobre o papel da mulher negra na sociedade, os embates entre movimento negro e agroecológico, o uso tradicional das ervas medicinais e as atrocidades racistas que o povo negro enfrenta no dia-a-dia.

Durante todo o evento, o protagonismo feminino foi ressaltado. A idealização da Semana e a frente da organização foram femininas e desde o princípio se insistiu para que todas as atividades contassem com ao menos uma facilitadora. De todo o evento, apenas um espaço foi composto somente por facilitadores homens e diversos foram puxados apenas por mulheres. Como exemplo, Flavia Torunsky que ao facilitar o bate-papo sobre a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) pontuou a necessidade de visibilizar a participação feminina nas novas formas de democracia e nos debates ambientais. As mulheres fazem a história da Agroecologia e não deixaremos visibilizá-las.

4. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

A compreensão da I Semana Agroecológica como experiência educacional esteve presente desde a concepção. O Gira-Sol, entretanto, nunca teve bases metodológicas e educativas fundamentadas em uma linha pedagógica específica. A organização e definição de métodos sempre foi orgânica e fruto das experiências em outros espaços disseminadores da agroecologia. Percebe-se, assim, como os espaços agroecológicos possuem um caráter de formação de multiplicadores, aspecto visível na Semana Agroecológica.



Uma das principais características que viabilizaram esse aspecto na experiência foi a construção de espaços heterogêneos de aprendizagem. Comum em eventos desse meio, a criação de momentos de escuta, debates horizontais e práticas aproximaram os organizadores, facilitadores e público. Essa convergência facilita a identificação e construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, guardados os contextos específicos, podemos citar a metodologia camponês-a-camponês que incita as trocas horizontais de saberes. A partir da abordagem agroecológica é que o Gira-Sol, sendo fruto de experiências como essa, hoje possa conceber e concretizar tais espaços.

Vale ressaltar também que o evento ocorreu em um momento de alta polarização teórica e política. Sendo a experiência focada especialmente nos debates político-filosóficos, a Semana foi marcante no semestre letivo de muitos alunos, já que o corte de verbas das universidades teve um efeito drástico nas dinâmicas de ensino. Corte de campos, disciplinas sem professores e falta de recursos, tornaram as atividades extraclasse raras. Se por um lado a instituição branda pela contenção de gastos e não apoiou financeiramente a Semana, a grupo mostrou sua resiliência e capacidade de manter seus propósitos. O evento foi totalmente gratuito, sendo as despesas cobertas por um caixa construído autonomamente. Entende-se que essa falta de apoio ocorreu não apenas pelos entraves burocráticos, mas também por a experiência disputar ideologicamente o ambiente universitário. A universidade se alinha metodológica e pedagogicamente à práticas engessadas, baseadas na reprodução do conhecimento. Segundo Freire (1970):

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro (Freire, 1970, p. 33).

Contrariamente a isso, o evento buscou levar ao público a capacidade de compreender criticamente o que é agroecologia, dando voz às divergências e empoderando o público. No que tange à facilitação dos espaços, o público não foi colocado em um papel passivo, sendo incentivada a discussão em roda. O facilitador estava presente apenas como um introdutor ao tema, cabendo a ele instigar as



falas e sintetizar a discussão. Isso foi possível, pois parte-se do pressuposto que todos possuem um saber e podem contribuir para a conscientização coletiva.

Outro aspecto importante da Semana foi a prática, seja com as feiras de troca na feira de agricultura familiar e na universidade ou com as oficinas, somando a experiência ao debate. Segundo Larossa (2002, p. 26), “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

De fato, vivenciar a Semana Agroecológica trouxe diversos questionamentos à tona no Gira-Sol e despertou a necessidade de transformação. Encerramos o processo de balanço do evento com uma atividade de leitura e debate sobre comunicação não violenta (Marshall, 2006). Esse momento foi essencial para entender e curar desgastes que foram gerados no seio do grupo.

5. Considerações finais

A Semana Agroecológica superou as expectativas de todos os envolvidos pois possibilitou debates profundos e produtivos. Mesmo a princípio não havendo definição de metodologias organizativas, as dificuldades geradas foram superadas pela persistência e trabalho em equipe. O evento fortaleceu e amadureceu as relações internas do grupo e consolidou novas e antigas parcerias. Curiosamente, apesar da intensa divulgação pelo campus, pouco se avançou na relação com alguns grupos locais, estando o maior ganho em nível regional. A experiência possibilitou nivelar e construir *coletivamente* o saber *agroecológico*, marcando uma nova etapa para o grupo Gira-Sol. Amor, diversidade e abundância.

Referências

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3º ed. Expressão Popular. Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1970.



GLIESSMANN, S.R. *Agroecología: Procesos ecológicos en Agricultura Sostenible*, Estados Unidos da América, CATIE, 1998.

GUTERRES, I. *Agroecologia Militante*. Expressão Popular. São Paulo, 2006.

LAROSSA BONDÍA, J. *Notas sobre experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha, 2006. Disponível em: "<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2016.

MARSHALL, B.R. *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimoras relacionamentos pessoais e profissionais*. 2 ed. Editora Ágora. São Paulo, 2006.

SOSA, B.M. et. al. *Revolução Agroecológica: O movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba*. Expressão Popular. São Paulo, 2001.

ANEXOS



Figura 1. Logo de divulgação da I Semana Agroecológica.
Fonte: Acervo Grupo Gira-Sol, 2016.



Figura 2. Bate-papo com Djalma Neri: Por uma Permacultura Morena e Ecosocialista.
Fonte: Acervo Grupo Gira-Sol, 2016.



Figura 3. Momentos iniciais da Oficina de Poda no SAF do Gira-Sol.
Fonte: Acervo Grupo Gira-Sol, 2016.



Figura 4. Mesa redonda: Movimentações Agroecológicas.
Fonte: Acervo Grupo Gira-Sol, 2016.